

A CAMPANHA ABOLICIONISTA EM SANTOS

A bohemia abolicionista

(DA NOSSA SUCCURSAL)

Num prédio que existiu onde hoje se ergue o Theatro Parilense, residia allí por 1880 o sr. José Vaz Pinto de Mello, pae de José Vaz Pinto de Mello Junior, Guilherme de Mello e Pedro de Mello. Em exíguo compartimento da residencia, que era bibliotheca e gabinete de estudos, esses rapazes reuniam collegas dos cursos nocturnos e companheiros de trabalho, pois elles durante o dia se dedicavam ao commercio e á noite frequentavam escolas particulares. Seus professores eram: Julio Ribeiro, Silva Jardim, José Azurara, Tiburtino Mondim, Padre Barroso, Michelet, Julio Donneux, Canuto Thormann e Aprijo de Macedo.

Fora das horas de trabalho e de estudo, reuniam-se esses mo-

velhos e contal-os com enternecimentos ás novas gerações em cujas almas primaveris mal desponta agora o primeiro alvoriso de um novo idealismo.

A Bohemia Abolicionista fazia propaganda por todos os meios, especialmente entre os rapazes que vinham do interior para trabalhar no commercio desta praça. Os bancos dos jardins, onde se reuniam nas noites calmosas de Santos daquelle tempo, eram salas das reuniões mais ardentes, das discussões quasi sempre violentas. Moço escravocrata em Santos passava mal e no fim de algum tempo tinha de ficar abolicionista. Desse grupo exaltado ainda restam em Santos: Pedro de Souza Mello, Guilherme Mello, Roberto Bicudo, Luciano No-

O commercio nacional não é mais do que a continuação do elto; é verdade que nelle não se faz uso do rellho, mas usa-se o mesmo methodo de exploração individual. Enquanto no commercio estrangeiro vemos os mais simples empregados fazerem fortuna, no commercio nacional o empregado morre, geralmente, em completa miseria. O empregado estrangeiro será melhor cumpridor de seus deveres? Não. A razão é muito outra. E' que os negociantes estrangeiros não foram bafejados pelos miasmas da escravidão e animam em seu selo uma somma consideravel de altruismo que os faz comprehender que no commercio, no verdadeiro commercio, o capital pessoal deve ser cotado mais alto que o ca-

naes manuscriptos que circulavam pelos cafés e cervejarias da rapaziada.

O "Embryão", por exemplo, era um desses jornaes manuscriptos, redigido por moços abolicionistas. No numero que temos á mão, escrevia Guilherme de Mello, hoje respeitavel commissario de café nesta praça, referindo-se ao projecto de libertação gradual dos escravos:

"Assim, retardar a extinção da escravidão é agravar mais o mal, porque não sendo compensado o braço que se liberta por outro livre, á proporção que se forem libertando irão faltando braços e dahi o desequilibrio que será fatal, visto que o escravo, vendo-se livre, não voltará á lavoura de seu antigo senhor".

Em 1883, fazia-se economia politica com uma rosa na lapella.

No mesmo jornal, de 13 de Dezembro de 1883, escrevia um de seus collaboradores, Valis:

"A influencia da escravidão no caracter do povo brasileiro é manifesta em todas as classes da nossa sociedade; é tão pernicioso essa influencia que, sem medo de errar, pode-se dizer que ella é a unica causa do nosso atraso e do nosso abatimento moral. O escravo embrutecido, sem principios de moral, foi introduzido no selo da familia brasileira sem o menor cuidado. O estado de ignorancia dos primitivos introductores da escravidão não permittiu verem o mal que iam causar ás sociedades futuras, e que o negro, embora intellectualmente inferior ao branco, tem intelligencia bastante para comprehender, em parte, o estado de aviltamento a que o reduziram e dahi nasceu o odio muito justificado contra os usurpadores da sua liberdade. Os escravos com a facilidade de viverem intimamente com as familias, foram incutindo em nossas velas o veneno da corrupção, isto pelo simples facto, que de um melo vicioso só podem sahir individuos corruptos".

Valis ia por ahi fóra; ia muito longe. E sobre a sua logia ardente ha dois punhos a sahirem das mangas, reclamando justiça.

Os jornaes manuscriptos "O Pirata", "O Porvir", de 1881 a 1882 e "O Embryão", em 1883, eram lidos aos domingos, nos jardins, entre os rapazes abolicionistas e os novatos que chegavam do interior, alguns delles até com idéas escravocratas e, ás vezes, suscitavam discussões acaloradas. Mas, dentro de pouco tempo, os abolicionistas acabavam por levar para seu gremio os que mais recalitravam, de forma que, entre os moços de Santos, era muito raro encontrar um que defendesse o regime da escravidão.

Em 1884, os jornaes manuscriptos passaram a ser impressos, apparecendo a 17 de Julho "O Alvor", redigido por Arthur Andrade, Antonio Augusto Bastos e Luciano Pupo Nogueira, hoje este ultimo commissario de café. Pouco durou esse jornalzinho, sendo substituido pelo "Piratinny", que appareceu em 25 de Outubro de 1885, mantendo-se até Junho de 1886. No numero 7 desse jornal, de 17 de Janeiro de 1885, Vicente de Carvalho tendo noticia de que o dr. Rodolpho Fabricio, formando-se, adheriu ao Partido Conservador, na esperança, dizia-se então, de um emprego de Fazenda, em Minas, escreveu um artigo que causou sensação, pois o poeta já principiava a ser conhecido pelos seus versos, mas ninguém suspeitava das suas qualidades de polemista. Terminava com estas palavras: "De republicano, elle passa a indifferente; mas elle não é conservador, é empregado publico".

Esses jornaes desapareciam logo que os seus directores fundadores abriam brecha na imprensa diaria, passando a escrever nos grandes diarios desse tempo, onde defendiam as suas idéas abolicionistas. Antonio Augusto Bastos, sob o pseudonymo de Valis passou a escrever as Cartas de Santos, no "Diario Popular"; Arthur Andrade, que devia morrer de febre amarella aos 17 annos, escrevia no "Diario de Santos" e "Folha da Tarde"; Vicente de Carvalho escrevia na "Provincia de S. Paulo" e depois fundou o "Jornal da Manhã"; os restantes, deixaram de escrever, absorvidos pelos negocios e dedicando-se ao commercio, onde conquistaram as posições de relevo que hoje occupam.

A mocidade daquelle tempo, que foi a geração que legou ao Brasil os seus maiores nomes, trabalhava com enthusiasmo pelos grandes ideaes; e o mal mais grave de que enferma grande parte da mocidade de nossos dias é, talvez, o sorriso pratico com que finge desdenhar dos maiores emprehendimentos de seus dias.

O sr. Antonio Augusto Bastos que nos forneceu muitas dessas informações, offerece ao Instituto Historico e Geographico de São Paulo, por nosso intermedio, os jornaes manuscriptos citados neste trabalho, varios exemplares de "A Procellaria" dirigida por Julio Ribeiro, do "Piratinny", do "Alvor", do "Correio de Santos", de Gastão Bousquet, do "Diario da Manhã", de Vicente de Carvalho e tambem de duas preciosas publicações paulistanas: "O Entreacto", semanario illustrado, de 1881, e "A Comedia", diario escripto e publicado pelos academicos desse mesmo formoso anno.

The image shows three historical newspaper mastheads from the abolitionist campaign in Santos. The top one is 'O Embryo' (Anno 1, N. 4, Domingo, 7-10-1883). The middle one is 'O Porvir' (Anno 1, Domingo, 11 de Setembro 1881, N. 1). The bottom one is 'O Pirata' (Anno 1.º, Domingo, 4 de Setembro de 1881, N. 3). Each masthead includes the name of the newspaper, the year, issue number, and date.

Alguns dos jornaes manuscriptos que proliferavam pela cidade na campanha abolicionista e que eram lidos nos cafés e jardins, no meio de acaloradas discussões. Publicavam artigos violentos dos jovens revolucionarios da época, atacando de frente o problema da abolição completa e immediata da escravidão.

ços e meninos. Dizemos meninos porque Pedro de Mello, por exemplo, era um menino, mas já tomava parte activa nas discussões. Depois de um desses serões cheios de enthusiasmo e pensamento, ficou resolvido fundar-se uma sociedade que deveria chamar-se "Bohemia abolicionista". Era um meio discreto de harmonisar a obra de Henry Murger, então em plena voga, com as aspirações que illuminavam todos os corações puros daquelle época. Essa bohemia em nada se parecia com a do Bairro Latino; seu programma era realisar espectaculos e festas para com o producto libertar escravos.

No dia seguinte, foram os rapazes procurar o dramaturgo local Sacramento Macaco que se incumbiu de escrever uma peça intitulada "A sombra da cabana", em quatro actos, adequados ao assumpto.

A primeira representação realiso-se no Theatro Guarany, com casa cheia. Em scena aberta, foi entregue a carta de alforria a um escravo branco, quasi louro, adquirido por 700\$000. O dr. José Rubim Cesar, orador da sociedade, produziu naquella noite uma oração de rara eloquencia. O assumpto era deveras empolgante. Um punhado de rapazes imbarbes empregando seu tempo em causa tão elevada. Um escravo branco, allí, diante do publico, ajoelhando-se para receber a liberdade. Não era preciso mais para que o tribuno santista arrebatasse o publico, fazendo-o declarar allí mesmo, num protesto unanime, que jamais toleraria a escravidão nesta cidade.

Estes factos occorreram em 1883, ha 45 annos e parecem apagados na memoria de todos, sendo necessario lembra-los aos

queira, Antonio Augusto Bastos, Francisco Bastos, Pedro Aranha, Luiz Supply e Joaquim Montenegro.

Para orientar os rapazes que chegavam do interior, os bohemios alugaram uma sala em certa casa da rua Bittencourt, nesse tempo quasi deserta, e lá se reuniam fazendo conferencias para seus jovens ouvintes. Numa dessas conferencias, proferida por Antonio Augusto Bastos, destacamos o seguinte trecho que dá idéa dos arroubos da época:

"A influencia da escravidão na organização social do Brasil é tão caracteristica que em qualquer ramo da actividade humana ella apparece atropiando o seu completo desenvolvimento. Na lavoura, no commercio ou mesmo nas mais simples relações sociaes, sente-se o virus do regimen escravo, esterilizando as melhores manifestações dos sentimentos altruistas e do genio emprehendedor do homem. O bafo pestilento dos eltos é como os ventos terrificantes do Sahara que em sua devastadora passagem minam todas as plantas, sugam toda a seiva da terra. Assim, a escravidão: ella suga do selo humano todos os sentimentos bons, deixando em seu logar o mais torpe egoismo que tem feito deste palz uma vasta senzala, onde os homens na sua sede desvairada de ouro, muitas vezes se aproximam dos brutos. Ganhar dinheiro sem trabalhar, embora usurpando os direitos e a liberdade é o sonho de quasi todos os brasileiros. E' por isso que aquellos que não nascem com o direito de empunhar um chicote e acoutar os seus semelhantes, atiram-se á jogatina e ás torpes explorações politicas e commerciaes.

pital monetario, justamente o contrario do que fazem os nacionaes que procuram os seus auxiliares entre aquelles que ganham menos e não entre aquelles que mais habilitações têm; não perguntam o que o empregado sabe, mas o menos que quer ganhar. O negociante nacional e o portuguez — que faz excepção dos outros estrangeiros, porque o portuguez foi educado quasi no mesmo regimen — entendem que só aquelle que tem o capital monetario é que deve enriquecer. Esta norma é filha do feudalismo escravocrata que elimina o mais poderoso dos capitães — o capital pessoal".

Os propagandistas de 1883 tinham Stuart Mill no bico da penna. Esse a que nos referimos invoca o trecho:

"O producto é hoje distribuido em razão inversa do trabalho; a maior parte delle passa á mão dos que não trabalham. Depois, os mais favorecidos são aquelles cujo trabalho é quasi nominal, de sorte que, de grau em grau, a distribuição vae diminuindo á proporção que o trabalho é mais desagradavel e mais penoso, até que por fim o trabalho extenuante não chega a ter seguro o meio de adquirir com o salario as coisas indispensaveis á vida".

E o orador concluiu: "Essas palavras são perfeitamente applicaveis ao nosso commercio e a todos os ramos de actividade no Brasil. Assim é que a partir do escravo, esse miser espollado secular, até ás mais elevadas classes que trabalham, observa-se essa lei de usurpação — aquelles que mais trabalham são os menos remunerados".

Argumentava-se assim em 1883. O estilo deixava gravatas de tres voltas; os conceitos usavam chapéu alto. Fazia-se uma gritaria ensurdecadora em jor-